

The cover art features a central character, a young man with pointed ears, wearing ornate, golden and silver armor with a red cape. He is looking upwards and to the right. The background shows a stylized, ancient-looking building with a large, glowing yellow crystal or gem on the left. The overall color palette is dominated by gold, silver, and red, with a hazy, atmospheric background.

WORLD
WARCRAFT®
THE WAR WITHIN™

FÉE
CHAMA

L. L. MCKINNEY

Faerin Lothar sentou-se em sua cadeira de couro favorita do lado de fora do escritório de Grande Quíron. Esta era familiar, sobretudo as leves ranhuras no braço direito, onde muitos Luminares e aspirantes ansiosos haviam cutucado e arranhado o revestimento. Inclusive ela.

A luz de Beledar derramava-se através das altas janelas na parede oposta, com feixes de brilho dourado recortando o corredor em fragmentos inclinados. O cenário deveria ser de tranquilidade, um local de refúgio e paz. Faerin, no entanto, sentiu o desconforto que vinha revirando seu estômago havia quase uma hora se espalhar aos poucos pelo resto do corpo, tomando conta das pernas, que insistiam em balançar, e dos braços, culminando com o tamborilar de dedos no joelho.

Fechando os olhos, ela tentou se concentrar em qualquer coisa que não seus pensamentos inquietos, enquanto as palavras de Anduin Wrynn rodopiavam em sua mente. *Você deveria vir conosco. Ver o mundo. Aparecer um pouco para ele...* O convite ficou martelando na cabeça dela quase tanto quanto as histórias que ele contava. Elas criavam em sua cabeça uma imagem de um velho mundo renascido: contos de viajantes sobre heróis e lendas, mitos como aquele transmitido por sua própria linhagem. O nome

Lothar era uma herança a que ela praticamente renunciara no dia em que fugiu na Ascensão de Aariah, acreditando estar escapando de um destino preso entre histórias empoeiradas e pergaminhos decrépitos. Muitas lendas fincaram-se no coração de Faerin como farpas, e todas elas alimentavam uma única e ardente verdade: uma vida dedicada ao passado não era o que ela almejava viver.

Mas o que Anduin compartilhara sobre a família, que o nome Lothar pertencia a um grande campeão do povo... E se esse passado revelasse seu caminho adiante? Não em tomos, mas em provações enfrentadas e vitórias conquistadas. Essas histórias sobre heróis atraídos por um chamado que não conseguiam explicar — uma causa que eles não compreendiam, mas que sabiam ser maior do que eles mesmos — tocavam-na profundamente. Um sentimento familiar que zumbia em sua cabeça, semelhante ao que a tinha atraído para as docas naquele fatídico dia. Um dever. Uma carga. Essa era a diferença entre ela e os demais familiares. Ela ouvira tal chamado no âmago do próprio ser, mas eles acreditavam que isso não passava de caprichos infantis.

Agora, ela ouvira novamente.

Incapaz de conter a própria inquietação, Faerin se pôs a andar de um lado a outro do salão superior. Felizmente, o restante do prédio continuava em silêncio, abandonado enquanto os outros Luminares iniciavam suas tarefas diárias. Por isso ela tinha escolhido aquele horário: cedo o suficiente para passar despercebida, pelo menos por um tempo. Ela não queria explicar a ninguém o que estava planejando para não precisar lidar com a decepção e a tristeza. E o mais importante: ela não queria que ninguém tentasse dissuadi-la. Não que fosse possível. Os únicos com a mínima chance haviam... partido.

A tristeza se espalhou pelo peito de Faerin, mas ela a conteve, enterrando-a com cada passada. “Acalme-se”, murmurou no silêncio.

Ela passou muito tempo acreditando que a Chama Sagrada a tinha convocado para Pousa Santo. Que ela, cuja luta era abençoada pela Chama, *deveria* estar ali. Mas, no fundo, sempre houve algo mais... sedento.

Um sorriso se abriu no rosto de Faerin enquanto as lembranças afloravam em meio ao silêncio. Ela deixou que os pensamentos tomassem conta de sua cabeça, só para não pensar demais em seus planos, em como tudo poderia dar errado e no que precisaria

fazer caso isso acontecesse.

Lembranças do orfanato a envolveram. Como era vazio no início, quando, por algum tempo, Faerin fora a única criança em toda a expedição. Apenas uma centelha em um mundaréu de chamas. O edifício parecia imenso na época, imponente. Quem diria que ter tanto espaço para si poderia ser tão sufocante?

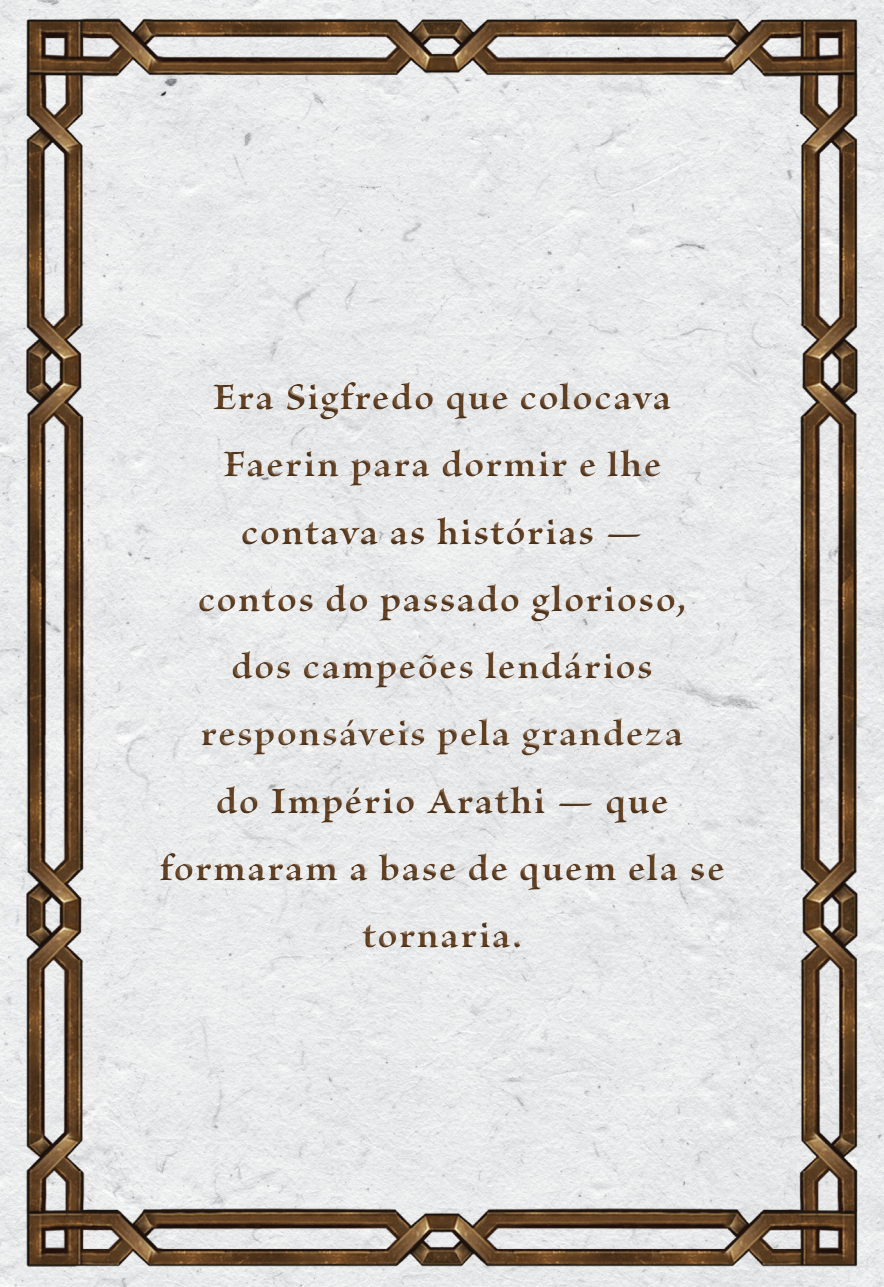
A única coisa que tornara aqueles primeiros dias suportáveis era Sigfredo Cerqueira. Ele tinha sido escolhido para ser cuidador do orfanato em Mereldar. O velho estava menos abatido e cansado naqueles tempos. *Sinais de uma vida bem vivida*, costumava dizer. Ele dizia muitas coisas, na verdade, e na maior parte do tempo eram pedidos para ela não correr ali, não escorregar aqui ou não escalar acolá. Embora a General Vaelisia Golpeação fosse a responsável por Faerin, era Sigfredo quem cuidava de suas necessidades diárias no orfanato. Era ele que garantia que as regras de Golpeação fossem estudadas e memorizadas — o que, ainda assim, não impedia que Faerin as quebrassem com frequência.

Era Sigfredo que colocava Faerin para dormir e lhe contava as histórias — contos do passado glorioso, dos campeões lendários responsáveis pela grandeza do Império Arathi — que formaram a base de quem ela se tornaria.

“Quero ouvir uma de batalha!”, Faerin exigira uma noite, recém-banhada e vestida com uma camisola de algodão perfeita para o clima ameno. Os ventos acobreados que sopravam do norte adentravam as janelas abertas, balançando as cortinas e espalhando pergaminhos soltos repletos de rabiscos de suas lições do dia. Considerando que ela havia desenhado a General Golpeação com cabeça de lince, podia-se dizer que os ensinamentos do dia não tinham sido totalmente absorvidos.

“Epa”, Sigfredo divertiu-se enquanto amaciava os travesseiros abandonados de Faerin, com um ar de riso iluminando o rosto negro. “Histórias só *depois* que você estiver debaixo das cobertas. Senão, como os Sonhadores vão apanhar seus pensamentos errantes?”

Bufando, Faerin se jogou na cama, enfiando-se debaixo do cobertor, embora ainda não se deitando completamente. Ela ajustou a proteção na cabeça que mantinha as tranças arrumadas e encarou o homem com olhos semicerrados. “*Sonhadores* não existem.”



Era Sigfredo que colocava
Faerin para dormir e lhe
contava as histórias —
contos do passado glorioso,
dos campeões lendários
responsáveis pela grandeza
do Império Arathi — que
formaram a base de quem ela se
tornaria.

“Claro que existem”, retorquiu Sigfredo como se fosse um insulto. “Quem mais traria visões enquanto você dorme? Não os duendes, com certeza.” Ele deu um tapinha no travesseiro amaciado e colocou a mão sobre o pesado tomo na mesa ao lado.

Faerin observou com expectativa enquanto ele passava os dedos pela capa, apenas tamborilando, à espera. Com um risinho, ela finalmente puxou o cobertor e se cobriu até o queixo. Faerin não conseguiu evitar o sorriso quando Sigfredo deu uma piscadela e puxou o livro, cujo peso fez suas mãos cederem levemente.

“E agora”, disse o velho enquanto equilibrava o volume nos joelhos para abri-lo. “Por que não tentamos algo menos estimulante?”

“Ah, não”, choramingou Faerin com uma petulância ensaiada. “As de luta são as melhores!”

“Ah, é?”

“Sim! Se você é forte, você luta! Todo o resto é *chato*.”

Sigfredo murmurou daquele jeito dele que não era exatamente crítico, mas que ainda sugeria que era melhor repensar suas atitudes. “Você acha? Então agora eu já sei a história perfeita para a noite de hoje.” O velho abriu o livro e traçou com o dedo o detalhe em forma de videira que emoldurava a página. Um brilho dourado suave se espalhou a partir da tinta, envolvendo o tomo e virando as páginas em sucessão até parar em um ponto bem adiante do texto.

“Uau!”, exclamou Faerin, com os olhos arregalados e cheios de admiração. Ela nunca tinha visto o livro fazer isso antes. “Você sabe magia?”

“Infelizmente, não.” Sigfredo riu, baixou a cabeça e sussurrou em tom conspiratório: “Mas o livro, sim.”

Faerin se acomodou ainda mais, extasiada.

“*Esta história*”, começou Sigfredo enquanto indicava a página aberta, “é especial, escondida entre todas as de lutas e batalhas, quase esquecida devido ao juramento feito pelos Guardiões de Segredos, protetores dos nossos segredos mais secretos.”

A Faerin de oito anos prestou atenção a cada palavra boba, mas essa era a magia de contar histórias.

Sigfredo pigarreou de forma um tanto teatral e começou a leitura. “*A balada de Craishae, a Primeira Chama: a história da rainha perdida de Arathor*. Reza a lenda que

Craishae era filha de reis, descendente da linhagem de Thoradin.

“Ela era sua antepassada”, exclamou Sigfredo, apontando para Faerin.

Ela mal conteve a surpresa. “Nunca ouvi falar dela!”

“Poucos ouviram”, continuou o cuidador. “Esse é só um dos muitos mitos sobre a rainha perdida.” Ele seguiu com a leitura.

“Craishae era uma criança indisciplinada, vibrante e cheia de energia. Era inteligente, mas muitas vezes negligenciava os estudos ou as tarefas para brincar ou se aventurar na natureza.

“Parece alguém que eu conheço”, provocou Sigfredo.

“Craishae era a filha mais velha de seu pai, nascida de uma nobre de Quel’Thalas. Ela adorava a natureza e passava grande parte de seu tempo conhecendo as florestas e rios que cortavam a terra, fazendo amizade com criaturas e todo tipo de gente. Apesar de sua posição, Craishae valorizava o tempo que passava em meio ao povo. Era muito respeitada, mas se recusava a receber qualquer tipo de tratamento especial. Levava jeito para a luta, e empunhar o arcano estava entre seus talentos naturais.

“Quando Craishae chegou à idade adulta, uma maldição terrível se abateu sobre a terra, contaminando tudo e todos que tocava, transformando-os em feras cruéis. As pessoas se voltaram contra entes queridos, destruindo suas casas e vilarejos. O reino foi sitiado tanto por fora quanto por dentro.

“No auge do conflito, um exército de criaturas horrendas rompeu a muralha de Thoradin, que fora uma sentinela inabalável da região por gerações. Testemunhando a devastação com os próprios olhos, Craishae prometeu dedicar suas habilidades e poder à proteção do reino. Ela caçaria e eliminaria a fonte daquela maldição mágica.

“Nos meses que se seguiram, ela lutou batalha após batalha, conquistando grandes vitórias e ajudando as pessoas a superar perdas terríveis. Foi durante um desses confrontos, enquanto os monstros cercavam a princesa e seus aliados feridos, que desferiu uma torrente de chamas e Luz como nunca se vira antes. A fumaça e a poeira se dissiparam, revelando que a princesa agora empunhava seu fogo como uma espada e um escudo. Com sua armadura reluzente e armas flamejantes, parecia que Craishae controlava o poder do próprio sol.”

Faerin imaginou aquela guerreira reluzente, sua antepassada, com a pele

exuberante e escura, como a dela, irradiando poder.

“Embora a princesa tenha triunfado, o tempo continuava contra ela. A maldição se espalhou, e a guerra tomou um rumo terrível. Alguma força invisível fortaleceu o terrível encantamento, acelerando sua disseminação. As defesas começaram a sucumbir. Toda a esperança parecia perdida.

“Mas, uma noite, enquanto dormia em sua tenda perto do front, a Princesa Craishae foi visitada por uma entidade de luz. Ela lhe mostrou uma visão, falou de um lugar escondido nas profundezas da selva. Um templo onde o coração do mundo e o olho dos céus se encontravam. Mas só ela era forte o bastante para encontrá-lo e tinha uma alma suficientemente verdadeira para empunhar seu poder.

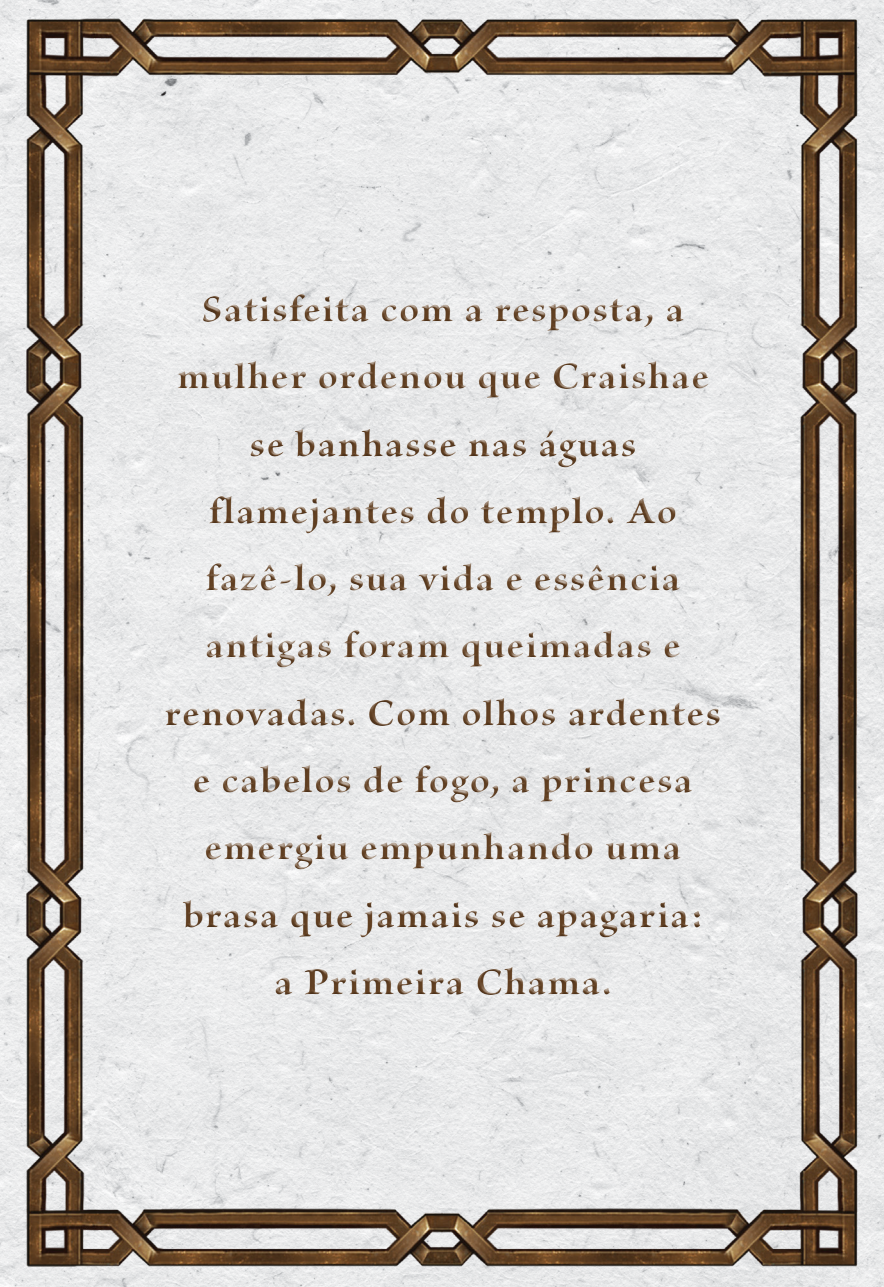
“Então Craishae partiu sozinha e percorreu o continente, enfrentando inimigos e monstros enquanto rezava para que seu povo sobrevivesse mais um dia. Quando finalmente encontrou o templo escondido, subiu a escada, abatida e exausta, preparada para enfrentar qualquer guardião que entrasse em seu caminho. Mas, na câmara central, o que descobriu foi o ser de luz de seu sonho, que agora via ser uma mulher trajada com mantos de poeira estelar, mantendo vigília sobre um poço com um redemoinho de luz e fogo. Quando a mulher olhou para cima, seu rosto mudou. De elfa para humana para troll, em um ciclo que se repetia sempre que ela se movia.

“A mulher se autodenominava a Rebenta, e explicou que havia sentido algo em Craishae. Algo disposto a lutar em defesa dos demais. O mundo precisaria de tamanha força na era vindoura, assim como o reino de Craishae dependia disso agora. ‘Foi por isso que a convoquei para este lugar sagrado’, declarou a Rebenta. ‘Para lhe oferecer meios de derrotar esse pesadelo.’

“A sensação de alívio quase sobrepujou a princesa. Ela confessou ter viajado por terras distantes para encontrar o poder que salvaria seu povo, e que enfim sua jornada chegava ao fim.

“Após ouvir essas palavras, no entanto, a Rebenta pareceu decepcionada. Se poder fosse realmente tudo o que Craishae buscava, então ela e seu povo seriam perdidos para o mal que tomava o mundo.

“Mas a princesa corrigiu a mulher. ‘Eu não vim em busca de poder’, declarou a Princesa Craishae. ‘E sim de propósito. Ajude-me a libertar meu reino dessa



Satisfeita com a resposta, a mulher ordenou que Craishae se banhasse nas águas flamejantes do templo. Ao fazê-lo, sua vida e essência antigas foram queimadas e renovadas. Com olhos ardentes e cabelos de fogo, a princesa emergiu empunhando uma brasa que jamais se apagaria: a Primeira Chama.

malevolência, e eu viverei em defesa de *todas* as terras.’

“Satisfeita com a resposta, a mulher ordenou que Craishae se banhasse nas águas flamejantes do templo. Ao fazê-lo, sua vida e essência antigas foram queimadas e renovadas. Com olhos ardentes e cabelos de fogo, a princesa emergiu empunhando uma brasa que jamais se apagaria: a Primeira Chama.

“Pois, veja bem, naquela época não havia paladinos”, explicou Sigfredo. “Havia muitos magos, sim, mas, quando Craishae retornou com a brasa, empunhou tanto a Luz quanto o fogo para afastar o mal que tentara dominar sua terra. A rainha até purificou aqueles que sucumbiram à maldição, devolvendo-os à forma anterior.

“Depois de vencer muitas batalhas e governar por muitos anos como rainha, Craishae deixou o reino para os filhos, que tinham herdado uma parte da brasa que ardia dentro dela. Com o tempo, eles começaram a espalhar seus ensinamentos entre o povo a fim de iluminar o caminho adiante. Craishae então levou o que restava de seu poder para o mundo, tentando rastrear a maldição até sua origem para conseguir expurgá-la e, assim, fazer de seu reino e do mundo lugares seguros para sempre.

“O tempo entre os avistamentos da antiga rainha foi ficando cada vez mais espaçado, até que ninguém mais soube dizer aonde ela tinha ido. Por fim, ela virou lenda, e essas lendas foram transmitidas de geração em geração. E uma delas é este conto”, murmurou Sigfredo enquanto fechava o livro, cujo brilho se intensificou brevemente antes de se apagar mais uma vez.

Faerin não conseguiu dormir naquela noite. Ela esperou até de manhãzinha para sair da cama às escondidas e tentar encontrar a história, mas nunca mais conseguiu pôr os olhos naquelas páginas novamente.

Ainda assim, a Rainha Craishae e sua lenda viveram no coração de Faerin, fortalecendo seu espírito. Talvez tenha herdado de sua antepassada a necessidade de atender aos chamados que sentia, de fazer o que pudesse pelo seu povo. Por sua fé.

Uma fé que levará Faerin pelo mundo e, talvez, ainda mais longe.



“Faerin?”

O som de uma voz próxima a tirou de suas lembranças com um sobressalto. Ela se virou e viu o rosto familiar da Luminar Meradite Lacke.

“Meradite.” Faerin suspirou.

“Você estava aqui em cima esse tempo todo?”, perguntou Meradite, aproximando-se.

“Não faz tanto tempo. Preciso discutir um assunto com Grande Quíron.” Faerin recostou-se na parede casualmente, como se não estivesse tentando conter o próprio nervosismo havia pouco.

“Grande Quíron estava comigo.” Meradite virou-se para olhar por sobre o ombro, mas conteve-se. “Foi falar com Anduin. Eu soube que ele vai partir em breve, junto dos outr...”

“Eu sei”, interrompeu Faerin.

Meradite fez uma pausa, franzindo o nariz. Era uma expressão que Faerin reconhecia com facilidade.

“Está tudo bem? Você parece... nervosa.”

Faerin sentiu o cenho franzir antes de conseguir evitar. “É mesmo?”

Meradite apenas sorriu. Um sorriso discreto e genuíno. “É. Talvez *aprensiva* seja uma palavra melhor.”

Era uma escapatória, de certa forma. Usá-la seria uma admissão, mas assim Meradite a pouparia de mais questionamentos, permitindo que Faerin a procurasse no momento oportuno.

O treinamento, a ascensão nas patentes e o fato de estarem juntas fez com que as duas se tornassem amigas improváveis. O que antes era desconfiança se transformou em um verdadeiro companheirismo. Faerin só se incomodava com o fato de a antiga reservista a conhecer *bem demais*.

“Considerando o que enfrentamos ultimamente, qualquer pessoa ficaria *aprensiva*”, esquivou-se Faerin.

“Verdade, qualquer pessoa, menos *você*.” Meradite cruzou os braços. Ela ergueu a sobrancelha, os cabelos loiros com mechas grisalhas presos o suficiente para tensionar a expressão. “Sua fé é inabalável.”

“E isso continua sendo verdade.” Faerin voltou para a fileira de cadeiras,

sentando-se novamente na do meio. “Eu só quero conversar sobre algo que aconteceu durante o confronto com a Emissária.”

O sorriso discreto mas presunçoso que começava a se formar no rosto de Meradite desapareceu. “Desembucha. Qual é o problema?”

Faerin baixou a cabeça, escondendo o rosto para que Meradite não percebesse a verdade. “Está tudo bem, juro. Não precisa de preocupar.”

Meradite examinou Faerin mais uma vez, como se estivesse ponderando se deveria acreditar nela. Ela pareceu tomar uma decisão, deixando os ombros caírem com um leve suspiro. “Já que insiste... Depois de falar com Quíron, venha se encontrar com a gente mais tarde na estalagem.”

“A gente?”

“Regaldo quer contar uns incidentes, e Nalina nos prometeu uma rodada depois dos últimos acontecimentos. Você seria muito bem-vinda.”

“Não sei se vou ter tempo...”, murmurou Faerin, mais para si mesma.

Houve um momento de pausa antes de Meradite cruzar os braços. “Você não... vai nos deixar, né?”

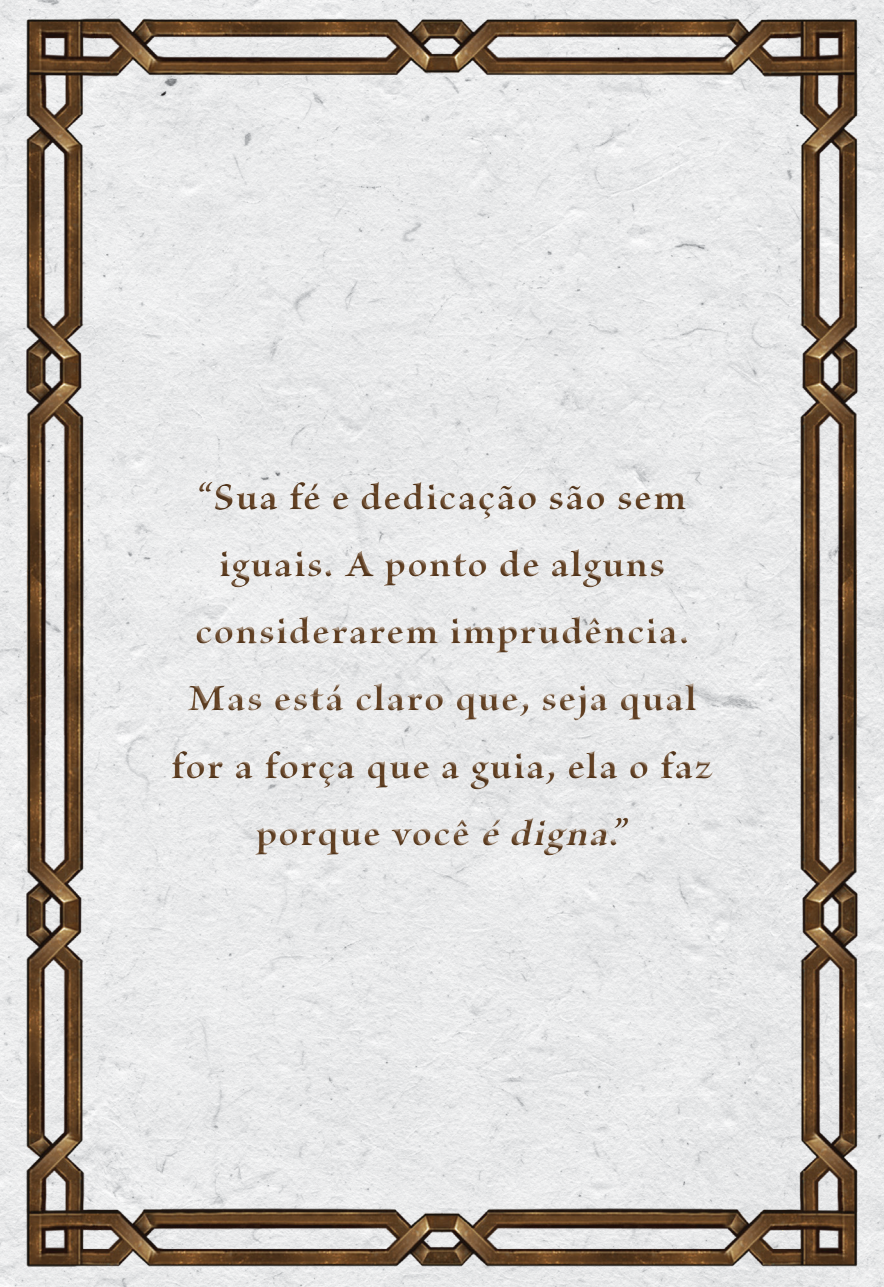
Faerin, que estava observando as ranhuras na cadeira, levantou a cabeça de súbito. “O-o quê?”

“Valha-me a Chama.” Meradite pinçou o nariz entre os olhos. “Você está com aquela cara. A mesma de quando você saiu atrás de Ri... Hum.”

O comentário surpreendeu Faerin. Ela só conseguia olhar, sem saber o que dizer.

Meradite continuou antes que perdesse a coragem ou fosse interrompida. “Sua fé e dedicação são sem iguais. A ponto de alguns considerarem imprudência. Mas está claro que, seja qual for a força que a guia, ela o faz porque você é *digna*. Você sempre foi, desde quando as sombras nos encontraram. E, embora eu não confie em entidades desconhecidas, confio em você. Foi você quem acendeu a Chama Sagrada em mim depois que passei anos me escondendo na escuridão. Se há algo incitando você, não tenho dúvidas de que é o caminho certo. Mas pelo menos... pelo menos nos poupe de mais perdas repentinas.”

Com isso e um breve aceno, Meradite seguiu rapidamente pelo caminho de onde viera, deixando Faerin a observá-la.



“Sua fé e dedicação são sem
iguais. A ponto de alguns
considerarem imprudência.
Mas está claro que, seja qual
for a força que a guia, ela o faz
porque você *é digna.*”

Porque você é digna. Você sempre foi, desde quando as sombras nos encontraram.



Faerin se lembrava daquela noite, quando a Chama Sagrada ganhou vida dentro dela e a vida em Pouso Santo mudou para sempre. O orfanato já não estava tão vazio naquele tempo. As pessoas faziam o que é de costume: buscar companhia, fazer votos, ter filhos. Mas ainda havia uma guerra para lutar. Os nerubianos e kobysse não recuaram só porque os Arathi decidiram construir vidas aqui. Vidas que ainda eram interrompidas de forma prematura em muitas ocasiões.

Embora as circunstâncias que traziam crianças novas para as portas do orfanato sempre fossem tristes, Faerin tinha aprendido que aquele lugar ainda era uma bênção, um lar para onde ir. E ela faria de tudo para torná-lo o mais acolhedor e aconchegante possível.

Naquela noite específica, ela tinha decidido contar histórias enquanto Sigfredo cuidava de outros assuntos. Cada vez mais, as tarefas dele envolviam trabalho administrativo — gerenciar suprimentos, comida, a educação e o treinamento dos jovens. No fim das contas, cuidar de um orfanato subterrâneo era bem trabalhoso. Pelo menos era disso que Sigfredo vivia se queixando na época.

E parece que o auge da rebeldia de Faerin aconteceu no mesmo período. A adolescência trouxe à tona um novo fogo, que se recusava a ser visto e tratado como criança. Cuidar dos órfãos era um alívio para isso — uma nova responsabilidade, o dever de protegê-los —, mas era cansativo. Além disso, ela sabia que podia *mais*, que suas habilidades iam muito além de ler histórias.

Felizmente, ela *gostava* de ler histórias.

“Essa é boa”, disse Faerin triunfante depois de folhear as páginas pela milésima vez na esperança de se deparar com o conto da rainha perdida. Em vão.

Mas acabou dando com um conto sobre um príncipe que aprendeu magia com um dragão. Histórias com feitiços e criaturas míticas normalmente faziam sucesso, mas naquela noite seu público queria outra coisa: *o jantar*. Nenhuma das lições de Faerin a tinham preparado para a tarefa de controlar um bando de crianças famintas.

Ela acomodou o livro no colo, com a coluna reta para que o tomo ficasse aberto contra seu peito, deixando as mãos livres para folhear as páginas, encenar lutas de espadas e fazer garras que rasgavam o ar como um monstro mágico. Hoje, ela era um dragão lazúli com escamas cintilantes e asas brilhantes. A história não detalhava tudo isso, mas ela imaginou que, se tivesse asas, elas brilhariam.

Faerin elevou a voz enquanto contava a história de cor. “Ao olhar para o dragão, o príncipe sabia que tinha encontrado seu mestre. ‘Ó grande e poderoso!’, disse o príncipe... Molly! Molly, não coloque isso na... argh! Um instante!”

Colocando o livro na cadeira, ela foi até a garotinha de pele parda que fez três anos na última primavera — Faerin se lembrava de todos os nomes e datas de nascimento. Alguém precisava se lembrar. Fazia diferença.

“Moliana, vem cá, tenho certeza de que o jantar é muito mais gostoso do que um bloco!” Ela se ajoelhou no chão e tentou tirar o brinquedo da garotinha, que lutou bravamente com lágrimas nos cantos dos olhos.

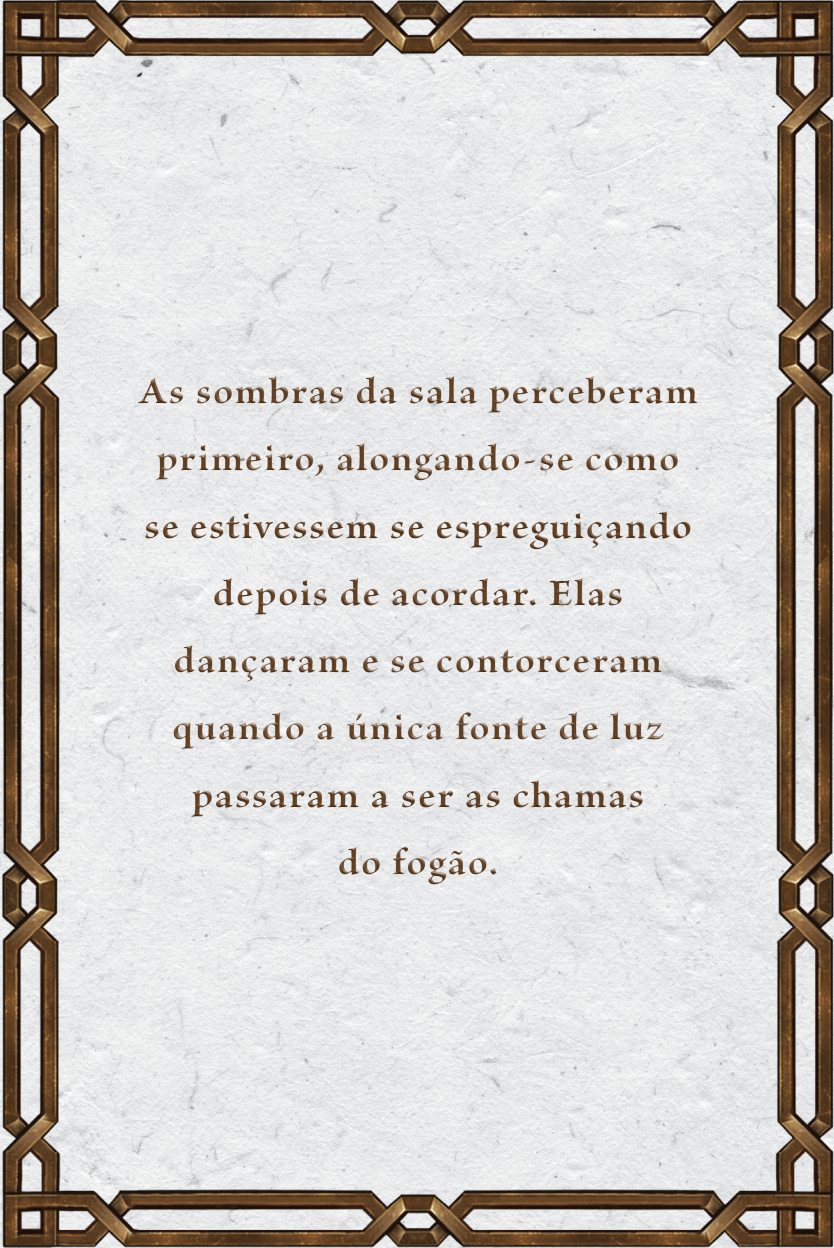
Aquele olhar atingiu Faerin em cheio. “Ah, tudo bem”, cedeu, sorrindo quando a criança deu um grito vitorioso. Felizmente, ela começou a brincar com os espólios em vez de tentar comê-los.

Faerin se levantou para voltar à cadeira e continuar lendo, mas um movimento do lado de fora da grande janela frontal do prédio chamou sua atenção. Soldados do exército de Golpeço passaram correndo. Provavelmente uma simulação. Ou talvez os reservistas tivessem ficado tempo demais na estalagem e estivessem atrasados para o treinamento.

“Alguém se ferrou”, Faerin cantou baixinho antes de tirar o bloco da boca de Molly mais uma vez. Ela fez uma careta quando a criança soltou um berro, logo enfiando a mão no bolso da calça para pegar um embrulho.

Fungando e enxugando os olhos castanhos, Molly observou o pedaço de pão de mel na palma da mão de Faerin. Tinha alguns dias, mas ainda estava bom. Ela guardara sua parte em vez de comê-la na segunda noite seguida em que Sigfredo parecia estranho durante o jantar.

As outras crianças perceberam e a rodearam; Faerin colocou o pano no chão para que todas pudessem compartilhar. O afeto espalhou-se em seu peito ao ver a alegria



As sombras da sala perceberam primeiro, alongando-se como se estivessem se espreguiçando depois de acordar. Elas dançaram e se contorceram quando a única fonte de luz passaram a ser as chamas do fogão.

no rosto das crianças enquanto comiam. Ela nem se importou com os farelos caindo, mesmo sabendo que em breve precisaria varrer todo o chão. Valia muito a pena.

“Esse é o nosso segredo, tá bom?”, disse com uma risadinha, colocando o dedo sobre os lábios.

As crianças imitaram seu gesto enquanto riam, como faziam com frequência.

Mas, em meio à crescente alegria, a sala começou a escurecer. Aconteceu lentamente. A luz desapareceu como se o céu tivesse se escondido atrás das nuvens. Depois de todos aqueles anos, Faerin ainda se lembrava do sol. Mas muito pouco. Lembrava-se do nascer e do pôr do sol. Do cair da noite.

As sombras da sala perceberam primeiro, alongando-se como se estivessem se espreguiçando depois de acordar. Elas dançaram e se contorceram quando a única fonte de luz passaram a ser as chamas do fogão. E, quando a luz se apagou, a conversa seguiu o mesmo rumo. Todas as crianças se calaram de uma só vez. Isso só acontecia quando elas estavam dormindo.

Sigfredo se afastou do fogão com a concha na mão. O barulho de seus passos era como um trovão no silêncio arrepiante. “Todos fiquem onde estão”, ordenou ele enquanto se encaminhava para abrir a porta e espiar do lado de fora.

Faerin gesticulou para que as crianças ficassem quietas enquanto ela se dirigia até a grande janela que dava para a praça.

As pessoas estavam paradas na rua, com suas idas e vindas interrompidas, segurando cestos ou sacolas. Havia um vagão sendo arrastado por um lince imperial. Estavam todos olhando na mesma direção — a de *Beledar* —, com expressões de choque, incredulidade ou terror.

Faerin semicerrou os olhos e se encostou no vidro, tentando ver o que todos estavam observando.

“Faerin Lothar, afaste-se dessa janela!”, gritou Sigfredo enquanto atravessava a sala e começava a levar as crianças para o porão.

Faerin foi pega de surpresa. Mesmo quando a repreendia, ele não levantava a voz.

Ela quase protestou. *Eu só estava olhando!* Mas, antes de conseguir falar, a janela explodiu em um banho de vidro e madeira e o guincho agudo do metal. Os gritos encheram o ar quando um paladino entrou voando pela sala.

Ele atingiu a parede oposta e depois caiu de vez, com a lança e o escudo pendendo de suas mãos imóveis. As enormes ranhuras de sua armadura estavam cobertas de vermelho e manchadas de sangue. Do lado de fora, um guincho — agudo e não humano — elevou-se vitorioso, e Faerin sentiu todo o seu corpo gelar.

Nerubianos.

“Faerin!”, gritou Sigfredo, apressando os órfãos. Eles podiam se esconder no porão até o fim do ataque. “Bloqueie a entrada e espere.”

Mas, antes de Faerin chegar a um local seguro, uma sombra caiu sobre a sala. Uma monstruosidade com várias pernas se assomou no espaço onde ficava a janela. Ela se ergueu sobre as pernas, com o corpo bulboso aterrorizante, mandíbulas estalando e os muitos olhos brilhando maliciosamente à luz trêmula do fogo quase apagado.

Protejam todas as entradas. Encontrem uma arma, localizem uma posição defensável e se abriguem. Faerin conseguia ouvir as instruções de Golpeaço para um ataque dirigido a todos os residentes de Pouso Santo. Ela se escondeu atrás de uma mesa que havia tombado, pressionando a mão sobre a boca para impedir que um gemido escapasse. Do outro lado da sala, via a confusão de movimentos enquanto Sigfredo fechava a porta do porão, salvando as crianças que conseguiu.

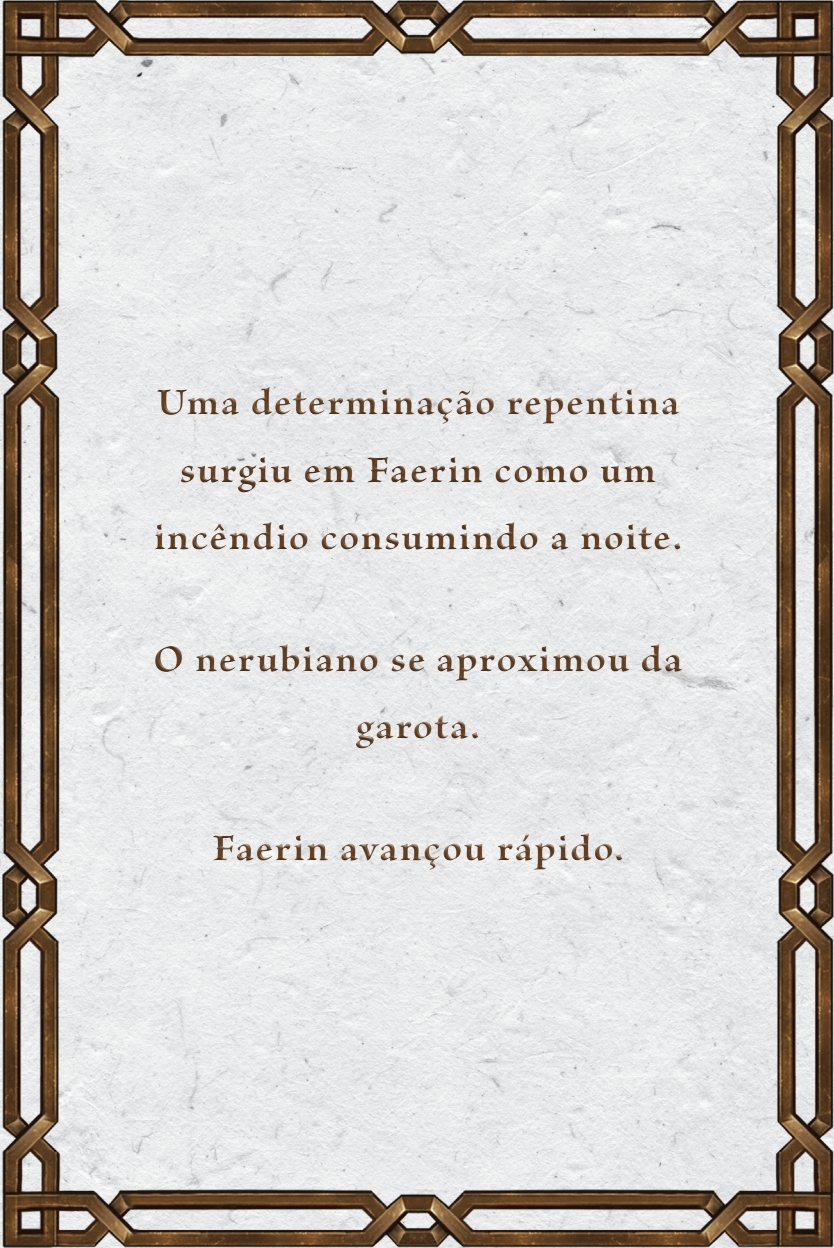
Não havia mais ninguém ali além dela, do monstro e do paladino desacordado.

Enquanto o nerubiano avançava, Faerin se encolheu, com o coração batendo forte e o medo tomando conta de si.

“A morte se aproxima”, grunhiu uma voz baixa, fazendo cliques com um sibilo alto.

O terror que invadiu as entranhas de Faerin ameaçou derrubá-la. Ela podia correr. Lançar-se em direção à escada dos fundos que a levaria para os quartos. Encontrar um armário ou guarda-roupa para se esconder, rezar para que a porta aguentasse até aparecer ajuda.

Um gemido chamou a atenção de Faerin, que arregalou os olhos. E ela não foi a única que percebeu: o nerubiano também se voltou para o som. Ali, engatinhando sob uma cadeira virada, estava a pequena Molly. A garota choramingou, com os olhos cheios d’água. Faerin *conhecia* aquele choro, e lamentou ouvi-lo mais vezes do que gostaria. A pobrezinha não sabia ficar calada, não sabia que estava atraindo o perigo



Uma determinação repentina
surgiu em Faerin como um
incêndio consumindo a noite.

O nerubiano se aproximou da
garota.

Faerin avançou rápido.

para si.

Faerin tentou pensar rápido enquanto seu coração batia forte. Não havia mais ninguém ali. Se os monstros tinham adentrado tanto assim em Mereldar, os soldados estariam ocupados lutando. Não havia ninguém que ela pudesse chamar. E a luz de Beledar já não brilhava o suficiente para protegê-los dos perigos da escuridão.

Nada.

Ninguém.

Eu estou aqui, protestou algo em fúria dentro de Faerin. Ela prometera a Molly e aos outros que cuidaria deles. Insistira que a Chama Sagrada sempre estaria lá para quem mais precisasse, como acontecia com os heróis nas histórias. Como Craishae fazia com o seu povo, em meio à guerra e à carnificina.

Enquanto houver alguém para carregá-la adiante...

... uma tocha sempre arderá na noite.

Fechando os olhos, Faerin respirou fundo. O calor em seu interior se intensificou, afastando o medo que a havia paralisado. Ela se ergueu assim que o nerubiano avançou sobre Molly, que finalmente levantou o rostinho, arregalando os olhos escuros aterrorizados. Uma determinação repentina surgiu em Faerin como um incêndio consumindo a noite.

O nerubiano se aproximou da garota.

Faerin avançou rápido.

O grito em sua garganta irrompeu. Sua visão iluminou-se quando ela se lançou entre as garras expostas e a criança. A criatura guinchou. Ela se preparou para a dor.

Nada aconteceu.

Ela piscou, abrindo os olhos, e o choque ficou entalado em sua garganta. Uma redoma radiante cintilava ao redor dela e de Molly, e a origem — a palma de sua mão erguida — tinha um brilho dourado. O nerubiano golpeou o escudo inutilmente, mas a Luz impediu que o ataque as atingisse.

O monstro guinchou, frustrado por ter sua refeição negada, mas o berro foi interrompido pela ponta afiada de uma lança que lhe perfurou o peito. O icor espesso espirrou pelo chão e chiou contra a redoma, e o monstro lançou mais tentáculos enquanto se agarrava à lâmina, que despedaçava seus membros. Com cliques e estalidos,

ele sucumbiu à morte, caindo ao chão com um *baque* surdo.

Em pé ao lado do corpo, apoiado na outra extremidade da lança, estava o paladino que voara pela janela. Com a respiração ofegante por trás da viseira, ele encarou Faerin. Havia confusão em seus olhos enquanto ele assimilava a cena, até que veio a compreensão, seguida pelo primeiro dos muitos olhares impressionados que ela receberia ao longo dos anos.

“Você... está fazendo isso sozinha”, disse ele, com a voz baixa e carregada.

Faerin apenas assentiu, baixando a mão lentamente. Ao fazê-lo, a redoma e a Luz de seus dedos desapareceram.

Molly choramingou agarrada à perna de Faerin.

“Incrível”, disse o paladino, antes que um coro de gritos chamasse sua atenção. Ele se virou, erguendo a arma, mas todo o seu corpo relaxou de alívio.

“*Avante!*”, bradou uma voz familiar que Faerin costumava ouvir expressando decepção com seus estudos.

General Golpeação, acompanhada por um contingente de soldados, avançou em uma investida metódica de lâminas e flechas. Os nerubianos que ainda estavam nas ruas foram abatidos ou fugiram aos guinchos para a escuridão.

“Graças à Chama”, suspirou o paladino, removendo o capacete. Ela o reconheceu. Ritônio Varzeanera. Ele era um dos membros mais jovens da expedição, um lutador talentoso e igualmente habilidoso em forjar e empunhar lâminas. Faerin não sabia quem eram todos os soldados subordinados à general, mas conhecia os que já tinham nome. Ele olhou para Molly, depois para Faerin. “Vocês estão feridas?”

Faerin conseguiu negar com a cabeça, mas a pequena Molly só continuou agarrada a ela.

“Ótimo”, respondeu ele, relaxando mais à medida que os gritos dos soldados se aproximavam.

Ao vê-lo assim, Faerin começou a sentir o medo em seu coração ir embora. Ela tinha conseguido. Tinha resistido ao monstro na escuridão.

“Faerin, né?”, perguntou Ritônio, com a voz um tanto áspere.

Ela assentiu. Não era surpresa ele a conhecer. Por ela ter sido a primeira e única criança de todo o acampamento, a maioria era ciente dos problemas que ela causava à

General Golpeação.

“Você tem coração”, continuou ele. “E algo mais, aparentemente.”

Não é preciso dizer que nem Sigfredo nem a general ficaram felizes com a valentia de Faerin, e ambos insistiram que, por não ter o treinamento adequado, ela deveria ter seguido o protocolo. Mas não havia dúvidas de que mais de uma vida fora poupada naquele dia em função de sua coragem. Por causa disso e de sua habilidade promissora em empunhar a Chama Sagrada, a general permitiu, a contragosto, que ela começasse o devido treinamento para se tornar guerreira.

Nos meses que se seguiram, em meio aos reparos do orfanato — a janela estilhaçada foi substituída por madeira reforçada, dando lugar a uma parede —, Faerin se viu passando cada vez menos tempo lá. Ela agora seguiria um novo caminho, que por fim a levaria aonde ela estava hoje.

Sua mente continuou percorrendo as lembranças, de seu primeiro dia como soldado em treinamento e de quando Ritônio lutou ao seu lado pela última vez, até o momento em que ela jurou se tornar uma Luminar para conduzir a Luz escuridão adentro.

E agora ali, onde ela pediria para levar a Luz ainda mais longe.

“Faerin, você estava me esperando?”, chamou uma voz.

Pela segunda vez, ela foi pega desprevenida. Grande Quíron estava em pé a poucos metros com ar de curiosidade, mas com um toque de preocupação.

Faerin levantou-se de um salto, acenando em sinal de respeito. “Grande Quíron. Eu... desculpa, eu não quis... Eu gostaria de falar com você, se for possível.”

“Claro.” Gesticulando para ela acompanhar, entraram na sala de reuniões. A decoração era pouca, e havia principalmente mapas pregados nas paredes, cada qual com vários traçados que mostravam os movimentos inimigos e de tropas, tanto de Luminares quanto das forças armadas regulares.

Faerin tinha passado muito tempo nesse escritório, por bons e maus motivos. Ela ficou com o coração apertado ao imaginar que aquela poderia ser a última vez que se reuniria ali com alguém.

“Está tudo bem?”, perguntou Grande Quíron enquanto contornava a mesa para se sentar.

“Sim. Quer dizer, não há nada de errado. *Ativamente*”, respondeu Faerin, pigarreando em seguida ao perceber que sua voz estava começando a falhar. Ela respirou fundo.

Faerin conhecia bem o medo. Ela o tinha enfrentado muitas vezes, e vencido ainda mais, mas ele sempre ressurgia. Um adversário invencível. Um inimigo imortal. Mas, embora esse medo muitas vezes a motivasse a agir, era a fé que sempre a guiava. Não seria diferente agora.

“Não há nada de errado”, reafirmou ela. “Mas eu gostaria de fazer uma solicitação formal. Anduin, Alleria e os outros voltarão para a superfície em breve. Eu gostaria de ir com eles.”

A expressão que Faerin vislumbrou no rosto de Quíron não era o que ela esperava. Ela tinha se preparado para decepção, talvez um pouco de incredulidade ou até raiva, embora nunca tivesse visto Grande Quíron demonstrar nenhuma delas. No entanto, o que ela viu foi uma leve ruga de compreensão.

“Eu tinha a sensação de que essa conversa estava por vir.”

Faerin não conseguiu esconder a própria surpresa. “Você... tinha?”

“Ah, sim. Já há algum tempo.” Quíron lhe pediu para sentar-se, ao que ela logo atendeu. “Depois de observá-la nas últimas semanas reunindo-se para a defesa não só de Pousos Santos, mas de toda a Khaz Algar? Sua solicitação não me surpreende.”

Faerin sentiu aquele aperto familiar no coração, mas a dor dessa vez não era de medo. “Servir meu povo como Luminar, sob sua liderança, tem sido uma grande honra da minha vida.”

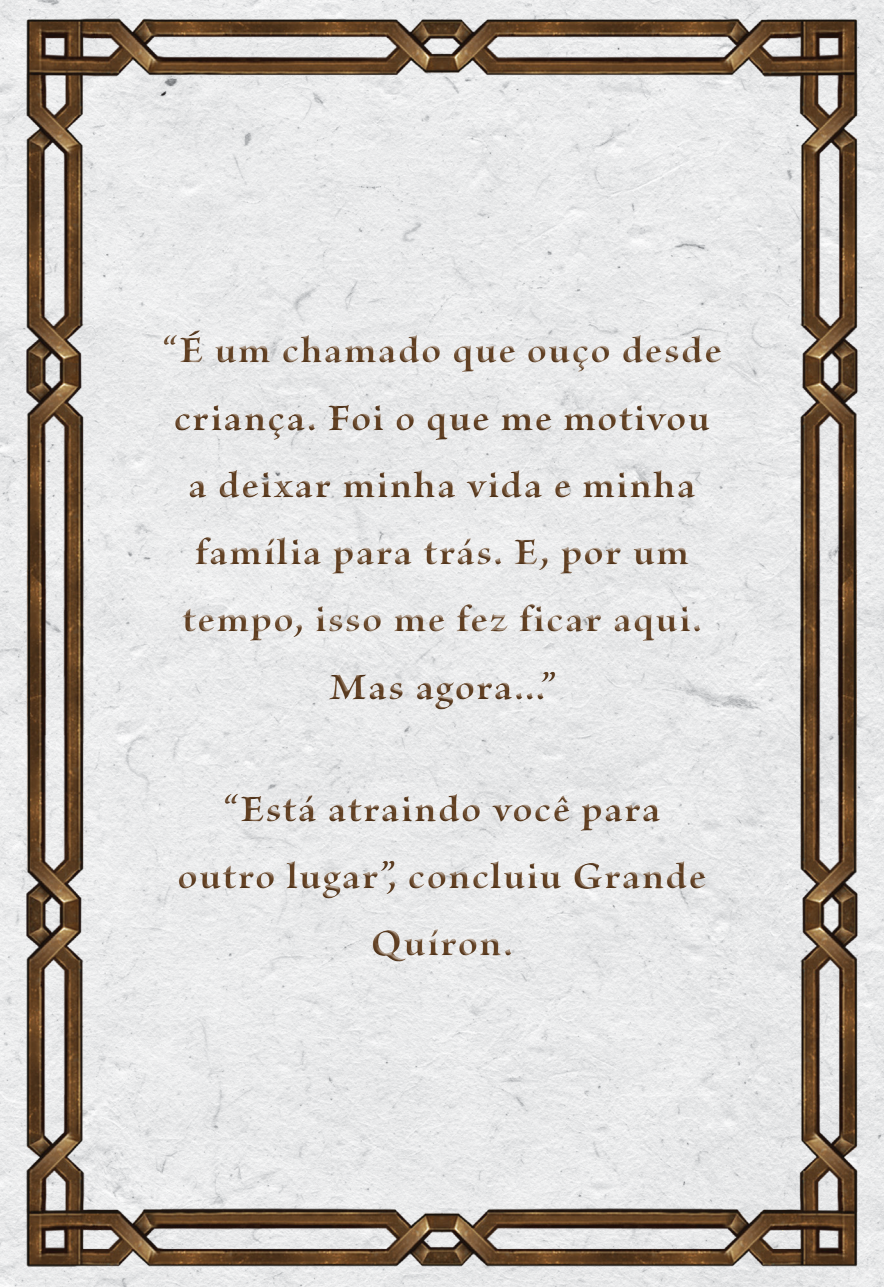
“Mas...”, provocou Grande Quíron quando o silêncio se prolongou.

“Mas há algo... *maior* que eu preciso fazer”, finalizou ela. “Não sei ao certo o que é esse algo, mas sei que preciso cumprir um dever. Lá fora. É um chamado que ouço desde criança. Foi o que me motivou a deixar minha vida e minha família para trás. E, por um tempo, isso me fez ficar aqui. Mas agora...”

“Está atraindo você para outro lugar”, concluiu Grande Quíron.

Faerin levantou o queixo, encontrando seu olhar firme, mas não insensível. O silêncio instalou-se mais uma vez, e agora Faerin sentiu que se afogaria nele.

Agora *vem a decepção*, pensou ela.



“É um chamado que ouço desde
criança. Foi o que me motivou
a deixar minha vida e minha
família para trás. E, por um
tempo, isso me fez ficar aqui.

Mas agora...”

“Está atraindo você para
outro lugar”, concluiu Grande
Quíron.

Mas Quíron simplesmente a observou antes de finalmente quebrar o silêncio. “Faerin, você é uma das melhores de nós. Isso não mudará com a sua localização. Já treinei muitos Luminares ao longo da vida, e não acredito que bajulação sirva para algo além de cegar uma lâmina afiada, mas vi sua fê trazê-la até aqui. Se o que a fez atravessar o mundo para chegar a essas profundezas agora a chama novamente, creio que seria imprudente não responder. E, embora eu não faça ideia de aonde esse caminho a levará, de uma coisa *tenho* certeza... Vamos sentir sua falta.”

O sorriso que surgiu no rosto de Quíron aliviou a tensão que Faerin nem sabia que estava ali. Com o relaxamento, ela sentiu as lágrimas. Quis resistir imediatamente, engolir a resposta emocional por ser uma demonstração imprópria, mas a expressão de Grande Quíron lhe disse que não seria necessário.

“É justo que uma das casas mais proeminentes do império esteja prestes a se erguer em um momento como esse. Ainda assim, Pouso Santo ficará um pouco mais sombria”, lamentou com amargura.

Faerin piscou quando finalmente permitiu que as lágrimas caíssem em uma mistura de alegria e sofrimento. “Mas a Chama Sagrada queimará eternamente.”

Faerin foi dispensada para se preparar, o que a levaria à parte de tudo isso para a qual ela estava menos ansiosa: as despedidas.

Foi fácil encontrar a maioria de seus companheiros Luminares na estalagem, onde Meradite disse que estariam. Durante todo o percurso até lá, Faerin pensou em como contaria a novidade, se o faria individualmente ou diria a todos ao mesmo tempo. No fim das contas, decidiu simplesmente falar de uma vez, como se arranca um curativo.

Depois que as palavras foram ditas, houve mais silêncio e olhares. Em seguida, gritos e aplausos ecoaram. Todos a parabenizaram, oferecendo votos de felicidades. Alguns, brincando e provocando, resmungaram que estavam com inveja por não poderem ir e, por fim, decidiram afogar as mágoas em uma boa bebida. E por que não? Embora fossem sentir falta da companheira, tinham conquistado uma grande vitória com aliados de toda Khaz Algar. Se havia uma boa hora para se permitir um pouco de frivolidade, a hora era agora.

Mas houve um breve momento em que Meradite puxou Faerin de lado e sussurrou com a boca no copo: “Eu sabia.”

“Pois é”, suspirou Faerin, divertindo-se com a cobraça. “Sabia.”

Meradite apontou um dedo para ela. “Eu sempre sei. E, embora eu não esteja feliz com isso por mim, *estou* feliz por você. E com orgulho de dizer que a conheço e que sou sua amiga.”

Faerin sentiu o afeto crescer em seu peito e abriu um largo sorriso.

Meradite a envolveu em um abraço apertado e forte. “Agradeço por sua coragem genuína. E por tudo mais.”

Faerin retribuiu o abraço com a mesma firmeza. Depois, chegou a hora de ir.

Aquela noite levou a outras despedidas em meio à arrumação de seus poucos pertences. Ela escolheu enfrentar a General Golpeação em seguida, que logo salientou que aquele era mais um incidente de uma longa lista de comportamentos indesejáveis.

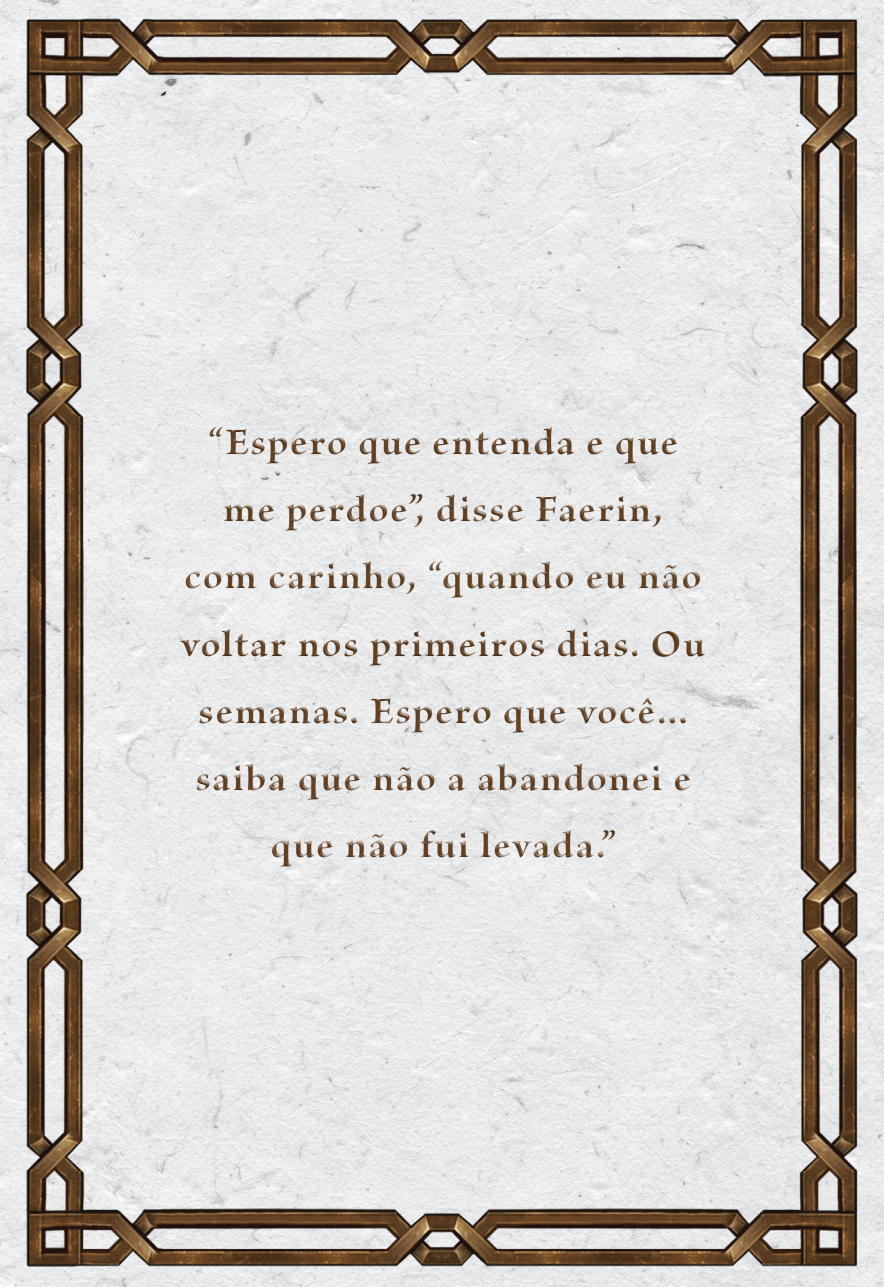
“Saiba que essa teimosa recusa em seguir protocolos provavelmente levará você a outros perigos que estarão fora... do meu alcance.” A fala não tinha raiva ou a irritação habitual que a general dirigia a Faerin. “Não que você tenha precisado muito de mim para salvá-la nos últimos tempos”, a general finalmente admitiu, dando de ombros com um suspiro profundo.

Foi nesse momento que Faerin teve um vislumbre da mulher por trás da guerreira. A exaustão que vinha com o peso de carregar o bem-estar de toda uma comunidade nas costas.

“Eu precisei de você desde o começo”, respondeu Faerin, em posição de atenção do outro lado da grande mesa. “Não tenho dúvidas de que precisarei novamente no futuro, mas saiba que levo suas lições comigo. Seus ensinamentos e sua orientação foram muito importantes para mim. Eu só... Queria que você soubesse.”

As duas mulheres se olharam por um momento. Em seguida, surpreendentemente, foi Golpeação que cedeu primeiro. Ela percorreu o espaço entre as duas e puxou Faerin para um abraço tão apertado que a deixou aturdida. Faerin retribuiu, agarrando o tecido que pendia sobre a armadura de sua antiga guardiã.

“A força dos Arathi brilha em você”, murmurou Golpeação antes de se afastar para enxugar um olho discretamente. Em seguida, ela se endireitou e assentiu. “Vá em frente e mostre do que é capaz.”



“Espero que entenda e que me perdoe”, disse Faerin, com carinho, “quando eu não voltar nos primeiros dias. Ou semanas. Espero que você... saiba que não a abandonei e que não fui levada.”



A despedida seguinte de Faerin a levou aos estábulos, onde uma enorme lince descansava à porta, balançando ruidosamente uma bola infantil amassada que os órfãos tinham perdido ou jogado para os felinos na tentativa de fazê-los brincar.

Passando pela criatura, que mal mexeu uma orelha em sua direção enquanto continuava a mastigar, ela seguiu em direção a um cercado nos fundos, cantarolando ao caminhar. “Pataaardeenteeee.”

A lince de Ritônio levantou a cabeça de onde descansava. O grande felino, mais do que acostumado ao vai e vem de Faerin a essa altura, começou a ronronar ruidosamente enquanto a Luminar se abaixava para fazer carinho e alisá-lo.

“Quem é uma boa menina? É você, é? É sim, é você.” Apesar de sua aversão a felinos, Faerin tinha aprendido a gostar das grandes feras. Poucas pessoas eram tão intuitivas quanto elas.

“Espero que entenda e que me perdoe”, disse Faerin, com carinho, “quando eu não voltar nos primeiros dias. Ou semanas. Espero que você... saiba que não a abandonei e que não fui levada.” Os dedos dela agarraram uma faixa de pelo da lince, que reclamou com um rosnado, fazendo-a soltar. Ela então abraçou o pescoço de Patardente e enfiou o rosto em seu pelo. “Espero que você seja confortada. Que alguém ainda traga peixe fresco e gramíneas.”

Ela sentiu as lágrimas mais uma vez, mas não chorou. Não, tinha mais uma despedida para enfrentar depois daquela e precisaria de todas elas. Em seguida, encostou-se na madeira da baia com a cabeça do felino no colo enquanto acariciava entre suas orelhas.

Depois de cerca de uma hora de carinho e pelo menos três porções de petiscos, Faerin pegou a mochila e a jogou sobre o ombro para iniciar a lenta caminhada até os terrenos do priorado, onde manteve a cabeça baixa e só respondeu àqueles que a cumprimentaram primeiro. Todo o seu corpo parecia pesado, como se as pernas fossem de chumbo e houvesse uma pedra em seu estômago.

Ela percorreu os caminhos que, há apenas alguns dias, tinham sido tomados por miséria e sombras, com nerubianos ascendidos atacando da escuridão. A Emissária

tinha assumido seu mais sagrado assento de poder, e Faerin — com Alleria, Anduin e tantos outros campeões do velho mundo — tinham batalhado para afugentar aqueles últimos vestígios da influência do Caos. Alleria e seu povo foram abençoados por receber de volta um amigo querido que haviam perdido. Anduin tinha finalmente ouvido o que Faerin dissera o tempo todo: a Chama Sagrada não abandona aqueles que precisam dela. E, ainda assim, ao andar por aquele caminho familiar, ela sentiu uma ponta de amargura.

Como diz o ditado, é humano sentir essas coisas. Conhecer a dor da perda e da tristeza com a intensidade que se conhece a dor de uma lâmina. Mas não era do feito dos Arathi nem dos Luminares remoer tais sentimentos. Reconhecê-los, sim, mas com coragem e força para seguir em frente.

O amigo de Alleria, Hadgar, tinha voltado, e mais uma vez Faerin se viu questionando-se por que não *seus* amigos. Por que não Ritônio ou Andari ou os pais de Molly ou algum dos inúmeros outros roubados a despeito dos grandes esforços dela e de outros Luminares?

Ela deixou esses pensamentos de lado quando chegou ao destino, uma elevação de rochas perto da ponte dos Campos do Alvorecer. Faerin ficou em pé, contemplando a vista, ouvindo o rangido da roda d'água atrás de si, observando as aeronaus deslizarem acima. Esse era um dos lugares favoritos dela e de Andari. Vinham aqui para breves momentos de descanso, para jogar várias rodadas de Gambito da Luz ou sentar e conversar não como Luminares ou soldados, mas como camaradas.

Neste momento, sabendo que aquela poderia ser a última vez que pisaria ali, Faerin sentiu a presença de Andari como se estivesse ao seu lado. Ela apertou duas peças de Gambito da Luz recém-entalhadas e pintadas, deixando as lágrimas que conseguira segurar por dias rolares livremente.

“Eu daria tudo para ter você aqui”, Faerin soluçou ao vento, com a cabeça baixa e o braço apertado em volta de si mesma. A palma de sua mão doía onde ela segurava as peças, com a madeira perfurando a pele. “Parte de mim sabe que você arrumaria minhas malas e me mandaria embora pessoalmente se estivesse aqui. Talvez até... fosse comigo. Eu poderia até pedir isso.” Ela deixou escapar uma leve risada e deu um passo à frente para se ajoelhar na grama, colocando as peças ali.

Seus dedos roçaram na terra, e ela pensou mais uma vez em tudo o que compartilharam, no tempo que passaram lado a lado. No sacrifício. Na coragem.

“Eu levo você comigo sempre”, sussurrou Faerin. “Sua memória é uma luz sob meus pés. Cuide deles por mim. Proteja-os quando eu não puder. Que a Chama guarde o seu espírito.” Com a visão borrada, ela se levantou com as pernas trêmulas e se virou.

Cada passo parecia mais pesado do que o anterior em alguns aspectos, mas mais leve em outros. Era o fim. Embora ela soubesse que esse era seu destino e o processo tivesse sido mais tranquilo do que esperava, isso evidenciou de forma dolorosa o que ela estava deixando para trás. Ela sentia falta de Ritônio, que saberia o que dizer ou fazer para tranquilizá-la. Sentia falta de Andari, que a teria ajudado a processar tudo durante uma partida de Gambito da Luz. Conhecer o caminho era uma coisa, percorrê-lo era outra, mas percorrê-lo sozinha...

Com frequência, ela se perguntava se a Rainha Craishae sentia falta das pessoas que deixara para trás quando embarcou em sua jornada para proteger o mundo sabendo que talvez nunca voltasse. Quando se banhou nas águas flamejantes e tudo o que ela havia sido foi queimado.

“Claro que sentia”, assegurou Sigfredo uma noite, quando ela lhe fez a pergunta depois de passar dias refletindo sobre os paralelos entre aquela história e a sua própria. O homem franziu um pouco a testa. “Mas sacrifício não é uma ambição. É uma aceitação. Craishae ainda lutou para viver, e viveu plenamente em honra àqueles que sucumbiram antes dela. Faerin... muitas pessoas se inspiram nos desfechos das lendas. Mas eu desafio você a se inspirar no *início*.”

E, assim como Craishae havia começando sua lenda cheia de esperança e determinação, Faerin sentia o mesmo ardor dentro de si. E, com essa chama, ela conseguiria se afastar cada vez mais daquele lugar especial dela e de Andari, das lembranças de Ritônio, dos Luminares, do estábulo e de Patardente, da General Golpeaço, do orfanato e suas crianças e de Sigfredo, a quem ela não poderia dizer adeus. Na verdade, não. Com sorte, os pequenos pensariam nela e saberiam que ela partiu em uma grande aventura, como as que lia para eles. E, quem sabe, com o tempo, talvez ela conseguisse trazer de volta algumas de suas próprias histórias.



Ela já tinha percorrido o caminho até Dornogal, mas desta vez parecia diferente. Talvez o céu estivesse mais claro sem a garantia de que ela voltaria para um lar subterrâneo. Talvez o ar parecesse mais fresco agora que sabia que deixaria aquelas terras familiares e seus costumes rumo a novas paragens.

Fosse qual fosse o motivo, fez com que ela apressasse o passo ao se aproximar do grupo reunido que atravessaria o portal para o velho mundo. A empolgação pulsava em suas veias, ardendo de forma semelhante, mas muito diferente da Luz, que também vibrava avidamente dentro dela.

Ela avistou Anduin em meio à aglomeração e se aproximou dele, abrindo um largo sorriso ao perceber que ele também sorria. Ele parecia... mais vivo, menos pesado de uma forma que ela entendia, mas não conseguia explicar.

“Faerin!”, chamou ele. “Eu estava começando a me preocupar se, bom...”

“Se eu tinha mudado de ideia sobre deixar para trás meu juramento, meus amigos e tudo o que conheço por causa de uma aventura em um vasto novo mundo?”, perguntou ela, erguendo a sobrancelha na tentativa parecer apenas *ligeiramente* acusatória.

A forma como a expressão dele mudou a divertiu. Ela riu e deu um tapinha em seu ombro.

“Fácil demais. Eu ainda vou, com as bênçãos de todos que me importam e gratidão por tudo o que me ensinaram.”

O alívio que tomou conta de Anduin foi igualmente divertido. “É que eu entenderia! Se você tivesse, quer dizer... mudado de ideia. Digo isso enquanto me dou conta de que só agora estou voltando da minha própria aventura no mundo.”

“E era do que você precisava?”, perguntou Faerin, sentindo uma leve dúvida. “Essa aventura, quer dizer, você encontrou o que procurava?”

O homem fez uma pausa, franzindo o cenho, e olhou para baixo brevemente, mas logo a encarou de novo com um leve sorriso. “Encontrei.”

“Faerin.” Jaina Proudmore chegou ao lado de Anduin, olhando para ele e depois para ela. “Que bom ver você. Anduin estava preocupado, achando que você não chegaria a tempo.”

“É mesmo?”, perguntou Faerin, com um sorriso malicioso enquanto o rei perdia a fala por um instante.

Anduin pigarreou. “Eu... eu só estava preocupado porque você precisaria atravessar o portal desacompanhada. Eu não sabia se você já tinha viajado usando magia antes, e, na melhor das hipóteses, pode ser bem desconcertante na primeira vez. Não queria que você tivesse essa experiência sozinha.

Jaina sorriu com o canto da boca, mas não disse nada, deixando um olhar astuto falar por ela. “De qualquer forma, estou feliz por você estar aqui e por tê-lo feito tomar do próprio veneno.”

“Como assim?”, perguntou Anduin, recuperando-se do breve desconcerto.

“Agora você sabe como é cuidar de um nobre obstinado propenso a fazer o que quer em vez do que é aconselhado a fazer.”

Ele bufou. “E o que você quer dizer com isso?”

“Você sabe muito bem, *Jerek*.”

O discreto rubor que subiu pelo pescoço do rei não passou despercebido, mas ninguém comentou, já que Jaina fez o favor de mudar de assunto. “Faerin, é bom que você saiba que não foi fácil convencer Danath. Tem... muita coisa acontecendo em casa, e ele vai precisar resolver isso quase imediatamente. O mesmo vale para nós. Mas você ainda estará em ótimas mãos, e nós estaremos lá se precisar de alguma coisa.”

Faerin assentiu, ainda sorrindo com a própria piada. Ela tinha que admitir que estava decepcionada por não ser Anduin a lhe mostrar mais do velho mundo, já que foi ele quem mais compartilhou a respeito. Mas entendia que ele tinha deveres a cumprir, principalmente com seu retorno e o paradeiro da Emissária ainda desconhecido.

Agradecendo enquanto Jaina se afastava, Faerin voltou sua atenção para Anduin. Seu sorriso se acentuou um pouco mais em um dos cantos. “*Jerek*?”

Ele tossiu enquanto um leve rubor se espalhava por suas bochechas. Virou-se, olhando para todos os cantos, menos para Faerin. Foi bonitinho. “É uma história para outro momento, creio eu. Vamos partir a qualquer instante. Onde está Danath?”

Como se tivesse sido evocado pela menção de seu nome, Danath Matatroll emergiu do grupo reunido. Ele, um antigo rei e soldado, desgastado por batalhas e sempre pronto, curvou-se em reverência a Anduin, que logo retribuiu o gesto. Em

seguida, virou-se para Faerin.

“Você deve ser a Luminar Lothar.” Danath estendeu a mão, que Faerin apertou. “É uma honra.”

“Igualmente.” Ela deu uma última olhada em Anduin, que parecia ter se recuperado bem.

“Espero que o velho mundo atenda às suas expectativas”, disse Danath.

“Para ser sincera, eu não sei o que esperar”, admitiu Faerin. Ela não conhecia o velho mundo, repleto de novas maravilhas e perigos. Mas a história da Rainha Craishae ecoava em seu coração, e aquela atração em seu interior desfazia qualquer dúvida. O chamado ao qual ela responderia, assim como sua ancestral fizera. A Chama Sagrada a guiaria quando ela não soubesse o que fazer. Então ela se empertigou e ergueu o queixo. “Mas estou ansiosa para descobrir.”

SOBRE A AUTORA

Eleita uma das 100 pessoas mais influentes entre os afroamericanos pela *The Root* e pela BET, Leatrice “Elle” McKinney, que assina como L.L. McKinney, é defensora da igualdade e da inclusão no setor editorial e criadora das hashtags #PublishingPaidMe e #WhatWoCWritersHear.

Ele adora HQ, anime, videogame, ficção científica e fantasia, e luta para levar essas mídias a uma representação que reflita melhor o mundo diverso em que vivemos. Fã incondicional de HeiHei, mora em Kansas City e passa o tempo livre com a família ou sendo atormentada pelos gatos — Sir Chester Fluffmire Boopsnoot Purrington Wigglebottom Flooferson III, esquire, Barão de Butterscotch e Lorde Humphrey Blepernicus Zoomerson Wailingshire Toboeans Chirpingston IV, Quebrador de Coisas que Eu Amo. Ou Chester e Humphrey, para os íntimos.

Entre seus trabalhos estão os livros da série Nightmare-Verse, os premiados romances gráficos *Núbia: Pra Valer*, da DC, *Viúva Negra: Bad Blood*, da Marvel, e muitos outros.